

DA DUPLA DE AUTORAS DE NOIVOS À FORÇA,
AMOR E OUTRAS PALAVRAS E A VARIÁVEL DO AMOR

CHRISTINA
LAUREN

AMOR
REAL

à prova

TOP
SEL
LER

FINALISTA DO PRÉMIO GOODREADS
PARA MELHOR ROMANCE

*Este livro é uma evidente carta de amor ao nosso género.
Há romance nestas páginas.*

*E para a Jennifer Yuen, Patty Lai, Eileen Ho,
Kayla Lee e Sandria Wong.*

*Há um pouco de cada uma de vocês neste livro.
Sentimo-nos muito gratas pelo que partilharam connosco
e esperamos ter-vos deixado orgulhosas.*

Prólogo

FIZZY

— **S**ou a primeira de três irmãos, mas costumo dizer a brincar que sou como a primeira panqueca. — Uma onda de risos atravessa a multidão aqui reunida e faz-me sorrir. — Percebem o que quero dizer? Um pouco tosca, ligeiramente malcozida, mas ainda com um sabor agradável?

As gargalhadas intensificam-se, mas agora ouço também alguns gritos e piropos que me fazem desatar a rir quando percebo o que disse.

— Estão a ver? Nem sequer era minha intenção soar descarada! Eu aqui a tentar ser profissional e sempre a meter a pata na poça. — Olho de relance por cima do ombro para a Dra. Leila Nguyen, a reitora da Faculdade Revelle, da Universidade da Califórnia, em San Diego, minha antiga professora de Escrita Criativa. — Acho que é o que acontece quando se convida uma autora de ficção romântica para fazer o discurso da cerimónia de entrega de diplomas.

Ao lado da Dra. Nguyen está outra pessoa a esforçar-se por conter um sorriso. O Dr. River Peña é um amigo próximo, génio lindo de morrer e um vampiro ainda não confirmado — e também um convidado especial; creio que vai receber mais um doutoramento honorário qualquer por ser uma espécie de prodígio sexy. Tem ar de quem pertence mesmo aqui: colarinho bem engomado, calças de fato imaculadas a aparecer por baixo da bainha da capa de doutoramento, sapatos brilhantes e um ar austero que

nunca consegui dominar. Neste instante, consigo ver a ligeira diversão que paira nos seus olhos convencidos de pestanas grossas.

Quando recebi o convite para falar nesta cerimónia, o River bateu imediatamente com uma nota de vinte dólares em cima da mesa que nos separava e declarou:

— Isto vai descambar por completo, Fizzy. Convince-me do contrário!

Tenho a certeza de que ele e a minha melhor amiga, a Jess — mulher dele —, estavam à espera de que eu chegasse ao palco e começasse a declamar *Os Monólogos da Vagina* para a audiência académica, ou então que tirasse uma banana do bolso e desenrolasse um preservativo enquanto recordava a todos como o sexo seguro é importante neste ano do Nosso Senhor Harry Styles — mas juro que, quando a situação o exige, consigo fazer o papel da típica criadora literária.

No mínimo, julguei que seria capaz de dizer mais do que uma frase antes de deixar escapar qualquer coisa com duplo sentido — e esta nem sequer tinha sido intencional.

Viro-me novamente para o mar de finalistas vestidos de preto, azul e amarelo que se estende pelo relvado da RIMAC e sinto uma onda de ansiedade ofegante por todos estes passarinhos prestes a levantar voo. Têm tantas oportunidades à sua frente. Tanta pressão para pagar os empréstimos de estudante ao banco. Mas também tanto sexo incrível à sua espera.

— A minha irmã mais nova é neurocirurgiã — digo-lhes. — O meu irmão mais novo? É o mais jovem sócio na história da sua firma de advogados. Um dos meus melhores amigos, que está aqui sentado atrás de mim, é um geneticista mundialmente famoso. — Seguem-se aplausos genuínos para o Rapaz Prodígio da Biotecnologia. Quando esmorecem, dou a estocada final. — Mas sabem que mais? Não obstante todos os seus feitos, nenhum deles escreveu um livro intitulado *Luxúria Disfarçada*; como tal, creio que todos sabemos quem é que aqui tem a verdadeira história de sucesso.

Sorriso por entre uma nova onda de aplausos e continuo.

— Por isso, ouçam-me. Fazer estes discursos é uma coisa de valor. A maior parte dos oradores convidados para estas ocasiões dirige-se a grupos de jovens superestrelas como vocês e dá-vos uma lista de formas concretas para encontrarem o vosso lugar nesta nossa cultura em permanente evolução, ou então incentivam-vos a ampliar o vosso impacto no mundo reduzindo a pegada ecológica. Dir-vos-iam para saírem daqui e mudarem o mundo, e claro que sim, *façam isso*. Apoio inteiramente essas ambições. Cidadãos globais: bom. Eco terroristas: mau. Mas a Dra. Nguyen não convidou um cientista climático inspirador nem um político carismático e aceitavelmente neutro. Convidou-me a mim, Felicity Chen, autora de livros cheios de amor, responsabilidade e atitude positiva em relação ao sexo, portanto, para ser franca, o único conselho de consciência ecológica que estou capacitada para dar é: apoiem a vossa biblioteca local. — Mais uma ronda de gargalhadas tímidas. — Na verdade, a única coisa que me interessa, aquela que é a mais importante do mundo para mim, é que ao chegar ao fim desta viagem louca, cada um de vocês olhe para trás e possa dizer com toda a honestidade que foi muito feliz aqui.

Está um dia perfeito: luminoso e azul. Os eucaliptos balançam ao fundo do campo e, se inspirarmos no momento certo, quando a brisa quente de San Diego sopra, conseguimos sentir o aroma do mar, a menos de dois quilómetros de distância. Não obstante, sinto um nó no estômago ao aproximar-me da parte seguinte do meu discurso. Passei a maior parte dos meus anos de adulta a defender a minha profissão. Estou aqui no palanque, com a minha própria capa e chapéu, com um discurso que escrevi e imprimi para não começar a divagar e ir parar a piadas sobre pênis, como o River está à espera que aconteça. Quero que eles ouçam a sinceridade nas minhas palavras.

— Vou dizer-vos que vivam a vossa vida como se de um romance se tratasse. — Levanto uma mão quando os sorridentes

finalistas começam a abafar o riso, mas não os culpo por pensarem que é uma piada, que estou só a ser recatada. — Ouçam. — Faço uma pausa para efeitos dramáticos, espero que as gargalhadas acalmem e que a curiosidade aumente. — O romance não é só a loucura de rasgar roupas. Pode ser, e não há nada de errado com isso, mas feitas as contas, o romance não tem que ver com a fantasia de sermos ricos, lindos ou de termos alguém que nos amarre à cama. — Mais gargalhadas, mas já ganhei a atenção de todos. — O romance tem que ver com a capacidade de elevarmos as histórias de alegria acima das histórias de dor. Tem que ver com a aptidão para nos vermos como a personagem principal de uma vida muito interessante, ou eventualmente muito calma, cujo controlo esteja inteiramente nas nossas mãos. Isto é, meus amigos, a fantasia do *significado*. — Faço uma nova pausa, como ensaiei, porque estes miúdos foram todos educados sob a aterroradora nuvem do patriarcado e eu acredito que a minha missão na Terra é esmagá-la com o meu metafórico martelo. A verdade de que todos merecemos uma vida com significado precisa de tempo para se entranhar em nós.

Mas a pausa estende-se durante mais tempo do que eu tinha planeado.

Porque eu não esperava ser fulminada pela minha própria teoria mesmo no meio do peito. Eu *vivi* toda a minha vida adulta como se de um romance se tratasse. Aceitei a aventura e a ambição de braços abertos; estive disponível para o amor. Gosto de sexo, apoio todas as mulheres que fazem parte da minha vida, penso ativamente em formas de melhorar o mundo que me rodeia. Estou rodeada por família e amigos próximos. Mas o significado que me acompanha é sobretudo o da melhor amiga sempre presente, a filha devota, a aventura de uma noite que jamais será esquecida. O verdadeiro miolo da minha história — o enredo romântico, que inclui amor e felicidade — é um enorme buraco a céu aberto. Estou cansada de primeiros encontros e, subitamente,

sinto-me tão exausta que era capaz de me deitar aqui mesmo, no palanque. De repente, apercebo-me de que perdi a alegria.

Olho para o mar de rostos à minha frente, de olhos arregalados e atentos, e apetece-me admitir a pior parte: *Nunca consegui ir além do primeiro ato da minha história*. Não sei o que significa ter uma vida consistentemente importante. Como posso dizer a estes adultos novinhos em folha que mergulhem no mundo real com otimismo porque tudo vai correr bem? O mundo parece determinado a quebrar-nos e vergar-nos, e eu não me lembro da última vez em que me senti genuinamente feliz. Tudo o que lhes estou a dizer — cada palavra de esperança deste discurso — me parece agora uma mentira.

Não sei como, mas consigo voltar a pôr a máscara da Fizzy efusiva e digo a estes miúdos que o melhor que podem fazer pelo seu futuro é escolherem a comunidade certa. Digo-lhes que se abordarem o seu futuro com o otimismo do Ted Lasso, o namorado do mundo, as coisas vão acabar por correr bem. Digo-lhes que se trabalharem arduamente, se aceitarem que existirão sempre pontos cegos, altos e baixos, se se permitirem ser vulneráveis e amados e honestos com as pessoas mais importantes das suas vidas, as coisas vão acabar por correr bem.

Quando desço do palanque para me sentar ao lado do River, ele pressiona qualquer coisa contra a palma da minha mão.

— Foste incrível.

Olho para a nota nova de vinte dólares e devolvo-a discretamente. Tenho noção de que ainda estamos diante de milhares de pessoas, por isso, com um enorme sorriso no rosto pergunto-lhe:

— E se isto for tudo uma grande treta?

Capítulo 1

FIZZY

Cerca de um ano depois

— **A** não ser que estejas a sonhar acordada com aquele *barman* lindo, não tens desculpa absolutamente nenhuma para não reagires ao que acabei de dizer.

Pestanejo para a minha melhor amiga, a Jess, que está do outro lado da mesa, e percebo que estive praticamente a hipnotizar-me a mim mesma enquanto revolia a azeitona no meu martíni.

— Ai, merda, desculpa. Estava longe. Repete lá.

— Não. — Ela levanta o copo de vinho com ar inocente. — Agora tens de adivinhar.

— Adivinhar o que planeaste para a tua viagem à Costa Rica? Ela assente e bebe um gole.

Olho inexpressivamente para ela. A Jess e o marido, o já mencionado River Peña, parecem estar constantemente ligados através de um raio laser vibrante e sensual. A resposta é bastante óbvia.

— Sexo em todas as superfícies planas do hotel.

— Isso já é um dado adquirido.

— Vais correr com os gatos-monteses?

Ela para o copo a meio caminho dos lábios.

— É interessante que essa seja a tua segunda hipótese. Não.

— Um piquenique numa casa na árvore?

Faz imediatamente uma expressão de repulsa.

— E comer no meio das aranhas? Não, obrigada.

— Fazer *surf* nas carapaças das tartarugas?

— Profundamente desprovido de ética.

Estremeço com um ar culpado. Até o meu poço de graçolas destinadas à Jess parece ter secado.

— Olha, pronto, não me ocorre mais nada.

A Jess observa-me por um instante antes de dizer:

— Preguiças. Vamos a um santuário de preguiças.

Solto um arquejo de inveja e reúno alguma energia para discurrir acerca de como esta viagem vai ser maravilhosa, mas a Jess estende a mão do outro lado da mesa e pousa-a sobre a minha, sossegando-me.

— Fizzy.

Olho para o martíni a meio para evitar a expressão maternal e preocupada do seu rosto. A Cara de Mãe da Jess dá-me sempre vontade de escrever uma carta à mão a pedir desculpa, não importa o que tenha sido apanhada a fazer.

— Jessica — murmuro em resposta.

— O que é que se passa?

— Como assim? — pergunto, sabendo exatamente a que se refere.

— Esta tua onda toda. — Levanta o copo de vinho com a mão livre. — Pedi um vinho das Vinhas Choda e não fizeste nenhuma piada a respeito das uvas características deles, que são curtas e gordinhas.

Faço uma careta. Nem me ocorreu.

— Admito que foi uma oportunidade desperdiçada.

— O *barman* tem estado a olhar para ti desde que aqui entramos e não lhe enviaste o teu número por AirDrop.

Encolho os ombros.

— Ele tem duas linhas rapadas nas sobrancelhas.

Conforme estas palavras me saem dos lábios, os nossos olhos cruzam-se com uma expressão chocada.

— Estás mesmo a ser...? — A voz da Jess é um murmúrio dramático.

— *Picuinhas?* — acabo com um arquejo.

O seu sorriso suaviza as rugas de preocupação que lhe vincam os olhos.

— Ah, bem, aqui está ela. — Com um último apertão aos meus dedos, larga-me a mão e recosta-se na cadeira. — Tiveste um dia difícil?

— Tenho andado só a pensar — admito. — Ou a pensar em demasia.

— Estiveste com a Kim hoje, suponho.

A Kim é a minha terapeuta há já dez meses e a mulher que espero que me ajude a descodificar o segredo para voltar a escrever, a sair e a sentir-me como dantes. É nela que despejo a minha angústia a respeito do amor, dos relacionamentos e da falta de inspiração, porque não quero mesmo nada arrastar a Jess para as profundezas das minhas preocupações (ela e o River casaram-se há relativamente pouco tempo), nem a minha irmã Alice (que está grávida e farta do seu marido obstetra excessivamente protetor), e muito menos a minha mãe (porque já está demasiado interessada no meu estado civil e eu não quero atirá-la também para a terapia).

No passado, sempre que atravessava um destes períodos de descontentamento, sabia que com o tempo isto haveria de passar. A vida tem os seus altos e baixos; a felicidade não é uma constante nem um dado adquirido. Mas esta sensação que me invade já dura há quase um mês. É um cinismo que parece ter-se encrustado de modo permanente na forma como vejo a vida. Dantes, passava os dias a escrever histórias de amor, carregada de um enorme otimismo por a minha própria história estar ali mesmo ao virar da página. Mas... e se este otimismo me tiver abandonado de vez? E se já se me esgotaram as páginas?

— Sim, estive com a Kim — respondo. — E ela deu-me trabalhos de casa. — Tiro da mala um caderninho de notas *Moleskine*

e aceno com ele sem grande vigor. Estes cadernos coloridos foram os meus companheiros constantes durante anos. Andava sempre com um atrás, escrevia enredos para livros, fragmentos de conversas engraçadas, imagens que me surgiam na cabeça nos momentos mais improváveis. Chamava-lhes os meus cadernos de ideias e escrevia vinte, trinta ou quarenta notas por dia. Estes rabiscos eram o meu poço de ideias. Durante alguns meses, depois de o meu cérebro romântico ter decidido parar de repente diante de milhares de finalistas universitários, continuei a andar com um caderno, na esperança de que a inspiração surgisse. Mas depois ainda ficava mais stressada por perceber que nem sequer o abria, por isso passei a deixá-los no escritório de casa, onde estão a ganhar pó, ao lado do portátil e do computador de secretária. — A Kim disse-me que tenho de voltar a andar com um caderno na mala — conto à Jess. — Que estou preparada para a ligeira pressão que é tê-lo comigo e que escrever nem que seja uma única frase ou fazer um rabisco pode ajudar.

A Jess demora um instante a interiorizar o que lhe digo. As palavras *nem que seja escrever uma única frase* ficam a pairar sobre nós.

— Sabia que estavas a passar por um bloqueio de escrita — diz-me ela —, mas não tinha noção de que era tão grave.

— Pois, isto não acontece de repente. Durante algum tempo, ainda fui escrevendo, só que não era nada muito bom. Depois, comecei a ter receio de que fosse realmente mau e que isso me tivesse feito perder o jeito. E comecei a achar que tinha perdido o jeito porque talvez tivesse deixado de acreditar no amor.

A Jess franze ainda mais o sobrolho, mas eu continuo.

— Não que tenha acordado um belo dia e pensado: *Uau, o amor é uma mentira*. — Espeto a azeitona com o palito e aponto na direção da Jess. — Tu és a prova evidente de que isso não é verdade. Mas em que ponto devo reconhecer que talvez a *minha* vida amorosa não venha a ser aquilo que pensava?

— Fizz...

— Acho que a minha fonte de inspiração pode ter secado.

— *O quê?* Isso é um... — Pestaneja e o argumento morre-lhe na língua. — Na verdade, é uma excelente metáfora.

— É aquele dilema clássico do ovo e da galinha. Será que o meu bloqueio de escrita matou a tesão dos romances, ou perder a tesão dos romances matou a minha tesão de verdade?

— Bem, é muita tesão para uma frase só.

— Antes fosse! E quando se está solteira há tanto tempo, uma pessoa já nem sequer sabe se alguma vez vai ser capaz de ter um relacionamento.

— Não que tenhas querido ter algum — recorda-me a Jess. — Nem sequer reconheço a Felicity Chen, se não estiver a lidar com o mundo dos encontros como se fosse um desporto radical.

Aponto para ela, cheia de energia.

— Exatamente! E esse é outro dos medos que tenho! E se eu tiver esgotado os meus recursos locais?

— Recursos... locais?

— Ando sempre a dizer na brincadeira que já saí com todos os homens solteiros da zona de San Diego... e, inadvertidamente, com alguns casados também... mas não me parece que isso esteja assim tão longe da verdade.

A Jess resfolega para dentro do copo do vinho.

— Por favor!

— Lembras-te do Leon? O tipo que conheci quando entornou uma travessa enorme de salada grega nos meus pés, no parque de estacionamento da Whole Foods?

Ela assente e engole o vinho.

— Aquele de Santa Fé?

— E lembras-te do Nathan, que conheci num *blind date*?

A Jess semicerra os olhos.

— Acho que me lembro de ouvir esse nome, sim.

— São irmãos. *Gêmeos*. Mudaram-se para cá para estarem mais perto da família. E saí com os dois no espaço de duas semanas.

— A Jess tapa a boca com a mão para abafar uma gargalhada. — Quando o Nathan entrou no restaurante e se aproximou da mesa, disse-lhe: «Oh, meu Deus, o que é que estás aqui a fazer?»

A Jess liberta a gargalhada.

— Tenho a certeza de que isso lhes acontece a toda a hora, a ele e ao Leon.

— Claro, mas no mês passado saí com um tipo chamado Hector. — Faço uma pausa para dar mais ênfase ao que vou dizer a seguir. — Que é o primo por causa de quem os gémeos vieram viver para mais perto.

Justiça seja feita à Jess, a gargalhada soa mais como um gemido. Dantes, estas merdas tinham graça. Partíamo-nos a rir com as minhas peripécias — e sair era muito divertido. As Aventuras da Fizzy forneciam-me inspiração infundável — mesmo que um encontro corresse mal, podia sempre reproduzi-lo só pela comédia da situação ou até aproveitar um pouco para escrever algum diálogo. Mas agora tenho seis livros parcialmente escritos que chegam ali ao momento do encontro entre os protagonistas e depois... nada. Há um bloqueio a caminho do «Amo-te», um sinal de *PASSAGEM PROIBIDA* no meu cérebro. Começo a entender porquê. Porque quando vejo o rosto da Jess a iluminar-se de cada vez que o River se aproxima, tenho de admitir que nunca partilhei este tipo de alegria avassaladora com ninguém. E isto faz com que seja cada vez mais difícil escrever de forma autêntica sobre o amor.

Nem sequer tenho a certeza de saber qual é a sensação de um amor verdadeiro.

O telemóvel da Jess vibra em cima da mesa.

— É a Juno — diz ela. A Juno é a sua filha de 10 anos, a minha segunda melhor amiga e um dos pequenos humanos mais encantadores que alguma vez conheci na vida. As crianças costumam ser um mistério para mim, mas, de alguma forma, no meu cérebro, a Juno aparece como uma adulta — provavelmente porque é mais esperta do que eu.

Faço sinal à Jess para atender enquanto cruzo o meu olhar com o de um homem do outro lado do balcão. É lindo de uma forma fácil e imediata: cabelo escuro meio desgrenhado que cai sobre um par de olhos penetrantes e um maxilar tão anguloso que seria capaz de me rasgar a roupa à medida que me beijasse o corpo. O casaco do fato atirado sobre as costas de uma cadeira, camisa formal esticada sobre os ombros largos e o colarinho desabotoado — tem aquele aspeto desarranjado de alguém que teve um dia difícil e o olhar esfaimado que diz que me usaria para esquecer tudo o que lhe aconteceu. Os homens com este tipo de olhares costumavam ser a minha desgraça. A Fizzy do antigamente já estaria a meio da sala.

Mas a Fizzy do presente pensa decididamente: *meh*. Será que o meu barómetro interno de excitação se avariou mesmo? Dou-lhe um toque com o meu martelinho de reflexos mental, imaginando-me a puxar aquele CEO Jeitoso do seu banco e a arrastá-lo pelo colarinho desabotoado até ao corredor.

Nada.

Vejam bem aquela boca! Lábios tão carnudos! Expressão tão convencida!

Não sinto nada.

Desvio a minha atenção dele e volto a olhar para a Jess quando ela desliga a chamada.

— Está tudo bem?

— Sim, estávamos a coordenar a dança e o futebol — diz ela com um encolher de ombros. — Podia explicar-te, mas depois adormecíamos as duas antes da segunda frase. Regressemos ao Hector, o primo dos...

— Não fui para a cama com nenhum deles — digo, de repente. — Há um ano que não vou para a cama com ninguém. — Fiz as contas há alguns dias. É muito estranho dizer isto em voz alta.

E também deve ser estranho ouvir, porque a Jess fica a olhar para mim boquiaberta.

— Uau.

— Há muita gente que não faz sexo durante um ano! — protesto. — É assim tão chocante?

— Para ti, sim, Fizzy, é chocante. Estás a brincar?

— Numa noite destas, vi pornografia e não senti quase nada. — Baixo os olhos para o colo. — Acho que os meus sentimentos no pipi estão avariados.

A preocupação da Jess intensifica-se.

— Fizz, querida, eu...

— Na semana passada, pensei em ir correr de chinelos só para me lembrar do som do sexo. — A testa da Jess vinca-se com preocupação e eu desconverso imediatamente. — Bem, a resposta é evidente: está na hora de fazer uma franja.

Segue-se uma fração de segundo em que consigo vê-la a ponderar se deve contrariar a minha tentativa de desviar o assunto, mas felizmente ela entra na onda.

— Nós temos um acordo muito rígido de que, não obstante a crise instalada, uma franja nunca é a solução. Lamento, mas a comissão da melhor amiga determina que é um não.

— Mas imagina só como ficaria mais jovem. Espirituosa e pronta para tudo.

— Não.

Rosno-lhe e viro a minha atenção para o lado, onde está a televisão do bar. A emissão desportiva já terminou e agora estão a transmitir as notícias locais. Aponto para o ecrã.

— A cara do teu marido está na televisão.

Ela bebe mais um gole de vinho e olha para o River a duas dimensões.

— Isto nunca vai deixar de ser estranho.

— A parte do marido ou de ele aparecer na televisão?

A Jess solta uma gargalhada.

— Aparecer na televisão.

E vejo-o no seu rosto: a parte do marido é tão natural para ela como respirar. Isto porque a ciência, nomeadamente a invenção

do River — um teste de ADN que classifica a compatibilidade amorosa dos casais em Base, Prata, Ouro, Platina, Titânio e Diamante através de uma série de intrincados padrões genéticos e testes de personalidade —, lhes demonstrou que eles são tão compatíveis quanto é humanamente possível.

E eu fico muito feliz por poder ficar com os louros. A Jess nem sequer queria fazer o teste que os juntou — o Duo-ADN — até eu lhe ter metido uma versão inicial nas mãos. Onde estão os meus merecidos pontos positivos do *karma* por esta minha intervenção? O River transformou a sua investigação de uma década acerca de padrões genéticos e compatibilidade na aplicação e na empresa multimilionária GenéticaMente. Agora, a empresa é a menina dos olhos da indústria da biotecnologia e dos encontros online. Desde o seu lançamento que a empresa do River anda nas bocas do mundo.

Quando ele começa a falar dos aspetos científicos da investigação, é tudo muito blá-blá-blá para mim, mas a verdade é que mudou a forma como as pessoas encontram o amor. Desde o lançamento da Duo-ADN, há cerca de três anos, já ultrapassou o número de utilizadores do Tinder. Alguns analistas preveem que o preço das ações suplante as do Facebook, agora que lançaram também a aplicação para as redes sociais, EmPar. *Toda a gente* conhece alguém que encontrou o seu amor através da GenéticaMente.

Isto é tudo espantoso, mas, para alguém como o River, que prefere passar os seus dias a enfrentar um hote no laboratório do que a liderar reuniões de investidores ou a responder às perguntas dos jornalistas, acredito que todo este frenesim seja uma chatice.

Mas, como nos recorda o noticiário da noite, a GenéticaMente já não será um problema do River durante muito mais tempo. A empresa vai ser comprada.

— Quando é que ele fecha o negócio? — pergunto.

A Jess engole o vinho, ainda com os olhos colados ao ecrã.

— Prevê-se que seja na segunda-feira de manhã.

Não consigo mesmo imaginar. A administração da Genética-Mente aceitou uma oferta de compra, e há uma série de acordos de direitos subsidiários que eu nem sequer compreendo. O que sei é que eles vão ficar tão ricos, que a Jess vai mesmo ter de pagar as bebidas esta noite.

— Como te sentes em relação a isso?

Ela solta uma gargalhada.

— Não me sinto minimamente preparada para a vida que vamos ter daqui para a frente.

Fito-a, decifrando a simplicidade desta frase. E depois estendendo o braço sobre a mesa e pego-lhe na mão, sentindo a névoa a levantar-se. O seu pulso direito ostenta a outra metade da minha tatuagem da letra dos Fleetwood Mac, feita quando estávamos embragadas, com os dois erros ortográficos de *Thunner only happens* e *wen it's raining* a ligar-nos para sempre.

— Eu adoro-te, Jess — digo, muito séria. — E podes contar comigo para te ajudar a torrar o dinheiro todo. Até podes comprar uma girafa.

— Preferia ter uma alpaca.

— Tens de sonhar mais alto, Peña. Podes comprar duas alpacas.

A Jess abre-me um grande sorriso, que depois se desvanece. Aperta-me a mão.

— Sabes que a antiga Fizzy vai voltar, não sabes? — pergunta. — Acho que estás só a passar por um período de transição e vais demorar algum tempo até teres tudo organizado.

Olho novamente para o outro lado do balcão, para o tipo todo bom com o cabelo despenteado. Nada. Ao desviar os olhos, suspiro lentamente.

— Espero que tenhas razão.

Capítulo 2

CONNOR

Um tipo de um *podcast* filosofou a certa altura que o dia perfeito é composto por dez horas de cafeína e quatro de álcool. Sou capaz de concordar com a parte da cafeína, mas a cerveja medíocre que tenho à minha frente parece-me mais tristeza líquida do que um escape. O que estranhamente se adequa ao dia que tive.

— Mudar para os *reality shows* é capaz de ser divertido — disse distraidamente o meu amigo Ash, com os olhos colados ao jogo de basquete na televisão do bar. — É mais ou menos o que fazes agora, só que mais sexy.

— Ash — retorqui, com uma careta, enquanto esfregava as têmporas. — Eu faço minidocumentários sobre animais mamíferos marinhos.

— E os programas de encontros são séries de minidocumentários sobre mamíferos *terrestres*. — Ri-se da sua própria piada e olha para mim, assentindo com a cabeça. — Não é verdade?

Solto um gemido e ficamos novamente em silêncio, desviando a nossa atenção para os Warriors, que estão a arrasar os Clippers.

Foram poucas as vezes em que tive um dia pior no trabalho. Depois de começar por baixo no tanque de tubarões que é Hollywood, sei que mudei para melhor ao trabalhar na North Star Media, uma minúscula empresa de San Diego. Há algumas frustrações óbvias que acompanham o trabalho com orçamentos limitados,

a batalha sangrenta que é a distribuição e o simples facto de estar a quase a duzentos quilómetros de Los Angeles, mas, por outro lado, tenho autonomia nos meus projetos.

Ou tinha, até hoje, quando o meu chefe, um certo Blaine Harrison Byron — um homem que tem o gabinete decorado com uma enorme placa de betão cheia de grafitis e uma estátua em tamanho real de uma mulher nua (um acrescento recente) — me disse que a empresa ia fazer uma viragem bastante dramática da sua programação de consciência social para os programas da vida real.

Será possível que um homem chamado Blaine Harrison Byron não seja um gigantesco e pretensioso punheteiro?

(Percebo o argumento de que um homem chamado Connor Fredrick Prince III não devia ser tão rápido a atirar pedras, mas não fui eu quem virou a vida dos meus colaboradores de pernas para o ar, por isso mantenho-me firme na minha posição.)

— Vamos lá falar sobre isto — diz o Ash, quando começa a dar um anúncio, no intervalo. — O que é que o teu chefe disse, mais concretamente?

Fecho os olhos e esforço-me por recordar as palavras exatas do Blaine.

— Disse que éramos pequenos demais para termos consciência social.

— Ele disse isso em voz alta?

— Em voz alta — confirmo. — Disse que as pessoas não querem chegar ao fim de um dia de trabalho árduo a sentir-se mal por causa do saco de plástico em que levaram a sandes do almoço ou da quantidade de água que foi gasta para produzir a energia que carrega os seus *iPhones*.

O Ash fica boquiaberto.

— Uau.

— Disse que quer atrair o público feminino. — Bebo um gole de cerveja e pouso-a, fitando a mesa. — Disse que a Bravo era o canal de cabo em horário nobre preferido das mulheres dos 18 aos

49 anos devido aos dois principais *reality shows*, e que esse grupo demográfico é o que gasta mais dinheiro. Logo, os executivos querem ir atrás daquilo que gera mais dinheiro em publicidade. Já puseram um dos meus colegas, o Trent, a trabalhar numa espécie de cruzamento entre o *The Amazing Race* e o *American Gladiators*; vão chamar-lhe *Smash Course*. E querem que eu fique à frente do desenvolvimento de um *reality show* de encontros amorosos.

— O quê, tipo um punhado de mulheres a competirem para serem escolhidas por um gajo qualquer todo bom e lustroso? — pergunta o Ash.

— Exatamente.

— Malta seminua da Geração Z fechada numa casa grande e a tentar levar os outros para a cama?

— Sim, mas...

— Mulheres giras a casar com um gajo banal que nunca tinham visto na vida?

— Não há a menor hipótese de fazer uma coisa dessas, Ash.

Ele solta uma gargalhada.

— Guarda lá os teus modos britânicos. Faz de conta que és americano. — Quando volta a pousar a cerveja, reparo que tem a camisa mal abotoada. Podemos contar que o Ashkan Maleki ande desalinhado, desabotoado ou descomposto de alguma forma em pelo menos cinquenta por cento das ocasiões. Chega a ser querido, mas não faço ideia de como consegue sobreviver diariamente numa sala cheia de miúdos de 6 anos sem qualquer tipo de filtro. — Todos os empregos têm os seus inconvenientes. Só temos de ser perseverantes.

Conheci o Ash quando a minha filha, a Stevie, andava no primeiro ano e ele assumiu a turma a meio do ano letivo. Depois reparámos que frequentávamos o mesmo ginásio e estávamos sempre a dar de caras um com o outro. Demo-nos bem de imediato, mas conviver com ele dava-me um bocadinho a sensação de andar a namorar às escondidas com o professor da minha filha.

Felizmente, quando o ano letivo acabou, a Stevie foi para outra turma e a minha amizade com o Ash manteve-se.

— Tu adoras ser professor — digo.

— Na maior parte dos dias, sim. Os miúdos são espetaculares — esclarece ele. — O pior são os pais.

Olho para ele com um ar sombrio e sarcástico.

O Ash sorri enquanto leva uma batata frita à boca.

— Não, tu e a Nat foram fixes. A Stevie contava-me alguns mexericos, mas nada de mais. — Aproxima-se e baixa a voz. — Não ias acreditar em algumas coisas que os miúdos me contam. Há pais completamente loucos. Tive um que me ameaçou fisicamente quando o filho perdeu um concurso de soletração. Estavam preocupados com a carreira académica dele.

— Qual carreira? O miúdo tem 6 anos.

— A palavra foi *frustração*.

— Nem eu consigo soletrar essa bem.

— Exato. — Desvia novamente a atenção para a televisão quando a multidão à nossa volta pragueja coletivamente contra algo que aconteceu no jogo e o meu desconforto com o trabalho regressa.

Há oito anos, quando eu e a Natalia nos divorciámos, concoríamos em ter a guarda partilhada da nossa filha. Isto quer dizer que a Stevie, que agora tem 10 anos, passa os dias de semana com a mãe e os fins de semana e a maior parte das férias escolares comigo. Normalmente, isso não constitui um problema, mas, por causa da reunião desastrosa desta tarde com o Blaine, já não fui a tempo de ir buscá-la à escola. A certa altura, dei por mim a fazer aquele cálculo mental tão próprio do sul da Califórnia:

(hora do dia) x (obras na autoestrada) ^{é sexta-feira}

E tive de dizer à Nat que continuasse com o serão sem mim.

Ela teve de levar a Stevie enquanto ia dar algumas voltas necessárias e só chegava a casa dali a algumas horas. Não só a minha

carreira está no esgoto, como ainda estou a perder tempo útil com a minha miúda favorita.

Inquieto, olho em redor do bar e os meus olhos voltam a bater nas duas mulheres que já tinha visto antes. Uma delas está de costas para mim, mas a outra, aquela com quem cruzei o olhar pouco depois de ter chegado aqui, é tão bonita que mal consigo parar de roubar olhares na sua direção. Pequenininha e esguia, com cabelo preto sedoso que brilha sob as luzes do teto, tem um vestido justo preto, pernas cruzadas e um tacão fino e aguçado apoiado na trave do banco. Tudo naquela mulher grita *sou estilosa*, o que é uma forma estranha de um adulto descrever outro, mas é a verdade. Fala de maneira animada e faz a amiga rir-se com frequência. Devia parar de olhar tanto para ela, mas é agradável deixar-me distrair por uma mulher bonita em vez de estar aqui obcecado com o trabalho.

Se fosse uma pessoa diferente, talvez me dirigisse até ela para ver se podíamos distrair-nos mutuamente noutra sítio qualquer durante o resto da noite. Mas sou arrancado do meu sonho desperto quando a mão do Ash me dá abstraidamente uma palmadinha no colarinho por causa de alguma coisa que está a ver na televisão.

— Mas que... *Ash!*

— É tua... é tua! — Grita ele, antes de ficar com uma expressão desolada. — *Nããão!*

E deixa-se cair para trás na cadeira.

— Acabei de perder cinco dólares. — Leva a mão ao bolso para pegar no telemóvel.

— Cinco dólares americanos inteirinhos? — pergunto, com um sorriso rasgado. — Acho que é melhor controlares esse teu vício do jogo.

— Não sei como é que ela faz isto, mas a Ella é um tubarão e nunca perde aposta nenhuma.

— Perdeste uma aposta para a tua mulher?

Levanta os olhos da mensagem que está a escrever para a Ella.

— Estou a ponderar levá-la a Vegas.

— Então faz isso antes de o bebé nascer. As grávidas adoram casinos cheios de fumo.

Ele ignora a minha provocação e pousa o telemóvel sobre a mesa.

— Vamos voltar à tua crise laboral, para eu depois poder ir para casa. Sei que isto vai magoar a tua alma de bom rapaz, mas acho que devias enfiar a viola no saco e fazer o *reality show* que o Blaine quer. Passas o resto do ano a fazer este tipo de algodão-doce, ou lá como ele lhe chamou, e, se tiver sucesso, ganhas alguma margem de manobra para depois poderes fazer o que *realmente* queres.

Começo a protestar, mas ele levanta a mão.

— Sei que detestas a ideia. Sei que o teu trabalho é importante para ti. Graças a ti, há dois anos que não deito fora o papel das pastilhas elásticas nem uso garrafas de plástico. Eu vou usar fraldas de pano, meu!

— Eu devo ser muito divertido nas festas.

O Ash apoia o queixo nos dedos

— Digo isto porque sei o quanto queres manter-te fiel aos teus princípios. Queres fazer coisas que tenham impacto. Mas também sei que não podes perder este emprego. Esta noite perdeste um par de horas com a Stevie. Imagina quantas perderias se tiveses de voltar para LA.

Desvio o olhar para a cerveja. Só a ideia já me deixa o estômago às voltas.

— É verdade.

— Então, faz o que tens a fazer e segue em frente.

— Não sei se será assim tão fácil.

— Vá lá. Somos homens inteligentes. Dispara aí algumas ideias para programas sexy.

Pressiono os dedos sobre as têmporas, tentando conjurar uma ideia capaz de valer um milhão.

— O problema é esse, não me ocorre nada. O que tenho é a certeza de que o mundo não precisa de mais uma coisa destas.

— Bem, mesmo que o mundo não *precise* de mais, a verdade é que os deseja: a Ella vê esses programas todos. Tu precisas é de um novo ângulo. — Vira-se para olhar em redor do bar e, quando o faz, vejo que ainda tem a etiqueta da lavandaria presa ao colarinho da camisa. Terá andado assim o dia todo? Com um suspiro, estico o braço e arranco-a. — Hum — diz ele, examinando-a antes de a pousar na mesa e voltar a olhar para a televisão.

Sigo a sua atenção e vejo que o jogo já acabou. Está a dar o noticiário. O bar está muito barulhento para conseguir ouvir o locutor, mas a legenda informa-me que a GenéticaMente, atualmente a maior aplicação de encontros no mundo, foi comprada pela Roche Farmacêutica.

— Porra — murmura o Ash, semicerrando os olhos para ler qualquer coisa no ecrã. — Isto é uma quantia absurda.

Fico de queixo caído.

— Nem me digas nada. — Depois lembro-me de uma coisa. Olho para o Ash. — GenéticaMente. Não foi através deles que tu e a Ella se conheceram?

Ele confirma com um aceno de cabeça.

— Temos Compatibilidade Ouro.

Um casal acabou de se sentar à nossa direita. O ambiente entre os dois está carregado de desilusão. É um primeiro encontro dos maus. Olham-se de relance apenas quando pensam que o outro não está a ver, e um toque acidental das mãos dá origem a uma série de desculpas, mas nenhum sorriso tímido. Não há qualquer chama. É presunçoso da minha parte, mas podia ir lá ter com eles e dizer-lhes que não têm química nenhuma, não têm hipótese. Qualquer pessoa o poderia fazer. Não sei muito sobre a GenéticaMente, mas sei que desenvolveram um sistema que junta as pessoas de acordo com a compatibilidade do seu código genético. Eu dava a este casal uma compatibilidade nula.

Levanto o queixo e dirijo-me ao Ash.

— Achas que eles também têm Compatibilidade Ouro?

Ele olha na direção do casal e observa-os durante alguns segundos, antes de levar o copo aos lábios.

— Népia. Nem pensar.

Torno a olhar para a televisão e sinto uma ideia a borbulhar-me no cérebro. Vou ter de fazer uns telefonemas. Ter algum tempo para matar talvez possa vir a dar jeito, afinal.

Capítulo 3

CONNOR

Duas horas depois, paro em frente à casa da Natalia. É uma casa linda — sei-o bem, também assinei o empréstimo bancário. O agente imobiliário chamou ao estilo da casa Colonial Hispânico Revisitado, com as paredes de estuque branco, um telhado em bico com telhas a sério e um pátio murado na parte de trás que a Natalia decora sempre com primor durante o Halloween. Mas onde antes existia um triciclo no jardim e uma fileira de animais desenhados a giz pelo passeio fora, agora há uma bicicleta de dez velocidades e uma fila de vasos de orquídeas que nos conduzem até à porta da frente. A Natalia dedicou-se à jardinagem depois de nos divorciarmos. O pós-divórcio tem sido muito benéfico para ela, e para as orquídeas também.

À minha espera na soleira da porta está o *Baxter*, o *labradoodle* castanho-chocolate da Stevie. Somos decididamente aqueles pais que compraram um cão de consolação à filha. Ele ladra alegremente para avisar a casa de que um intruso entrou no espaço, mas começa a abanar o rabo e vira-se de imediato de barriga para cima a pedir festinhas.

— Tanto dinheiro gasto na escola canina e continuas a ser um péssimo cão de guarda — digo, enquanto me baixo para lhe fazer festas. — Onde estão todos? A Stevie? Vais chamá-la?

A porta está entreaberta e o *Baxter* empurra-a com o focinho, para depois subir as escadas.

— Ó da casa! — Chamo. Aqui dentro está tudo muito sossegado e fresco. Os trabalhos de casa da Stevie estão espalhados pela mesa de centro e há um cesto de roupa lavada e dobrada em cima do sofá. As paredes estão cheias de fotografias, algumas da Stevie e da Natalia, um par delas comigo também. Todos os anos, no seu aniversário, tiramos fotografias da Stevie no mesmo lugar e com a mesma pose, e vê-las assim agrupadas é como ver um filme da sua infância. Ela é alta, para uma miúda de 10 anos, e muito magrinha. Tem a pele cor de azeitona da mãe e o cabelo escuro também, mas os olhos — como os meus — são do verde mais verde que já se viu.

Ouçó passos a descer as escadas com força e um instante depois um corpo colide contra o meu, enquanto uns braços fininhos me envolvem a cintura. O *Baxter* vem logo atrás dela.

— Até que enfim! — diz a Stevie, encostada à minha barriga. Curvo-me e dou-lhe um beijo no cabelo.

— Desculpa lá, chefe. Tive uma reunião que se arrastou. Divertiste-te com a mãe?

Ela deixa-se cair para o sofá com dramatismo.

— Andámos de carro *por todo o lado*. Tivemos de ir à lavanderia, depois aos correios para enviar umas coisas à *abuelita* e depois a mãe teve de ir arranjar as unhas. Esqueci-me do meu livro, por isso ela deixou-me ver vídeos no meu telemóvel e a seguir mandámos vir comida chinesa.

A culpa — a minha companheira constante dos fins de semana de pai sozinho — levanta a sua mão feia e acena-me.

— Desculpa, Piolho.

— Não faz mal, pai. Eu também pintei as unhas. — Levanta a mão e agita os dedos de unhas pintadas de cor-de-rosa. A Stevie escolhe cor-de-rosa em tudo o que pode. — E sei que és superimportante no teu trabalho.

Sento-me na mesa de centro, em frente a ela.

— Havia algumas coisas que não podiam esperar por segunda-feira.

— Aposto que eram mesmo coisas superespetaculares — diz ela, com astúcia. — Tens sempre as *melhores* ideias e fazes os *melhores* documentários.

Começo a ficar desconfiado. À semelhança da mãe, a Stevie é uma mestre da negociação. O problema é que raramente me apercebo de que estamos a negociar antes de concordar com qualquer coisa.

— O que é que queres? Diz lá...

— Não quero nada. Só acho que és muito fixe, só isso. — Faz uma pausa. — Ah, quase me esquecia! — exclama, milagrosamente rejuvenescida. — Os Wonderland vêm cá.

Os Wonderland, a atual obsessão da Stevie, são uma banda pop que tomou conta das tabelas de vendas e de todos os prémios do país. Para o aniversário, Natal e qualquer festividade menor que envolva a troca de presentes, a Stevie pediu coisas dos Wonderland. Há rostos dos membros estampados em tantas t-shirts da minha filha, que seria capaz de os identificar facilmente no meio de uma multidão.

— Vêm cá para um concerto?

— Sim! Podemos ir? Por favor? — Pega nas minhas mãos e arregala os olhos, que ficam como duas luas. — Podia ser a minha prenda de anos.

— Tu fazes anos em janeiro. Estamos em maio.

— Hum — diz ela, recalculando as suas opções. — E se conseguir sempre as melhores notas na escola?

— Tu já tens as melhores notas.

A sua expressão perversa diz tudo. *Exatamente*. Sou mesmo otário. Pego no telemóvel.

— Está bem, pronto. Onde é que eles vão tocar?

A vibrante intensidade da Stevie aumenta exponencialmente.

— No Open Air!

— Tem lá calma, miúda — digo com suavidade. — Só vou ver. Já falaste com a tua mãe a respeito disto?

— Ela diz que posso ir, se for contigo.

— Pois, claro que disse. — Quando a página carrega, um enorme *banner* no topo anuncia: WONDERLAND: A DIGRESSÃO JOGO PROIBIDO. — Um título como «Jogo Proibido» deixa-me com muitas dúvidas.

A Stevie revira os olhos.

— Oh, pai.

Faço *scroll* para baixo para ver as datas de San Diego e vejo logo a bandeirola a dizer ESGOTADO por cima do *link* para a bilheteira. Viro o ecrã para lhe mostrar e ela desanima de imediato.

— Lamento, Piolho. Talvez para a próxima? Além do mais, o concerto começa às oito e tu às oito e meia já estás na cama. — Ela faz beicinho e eu baixo-me para ficar à altura dos seus olhos. — Vamos ver se eles fazem uma transmissão em *streaming*. Se fizerem, podemos vê-la juntos.

Está desiludida, mas anima-se rapidamente.

— Podemos comprar camisolas da digressão e mandar vir pizza?

— Claro que sim. Agora, vai lá buscar as tuas coisas para irmos embora.

Ela salta do sofá, as pernas compridas e esguias a levá-la num instante até às escadas. Juro que está mais alta do que quando a vi no domingo passado. O cão vai a correr atrás dela.

— Onde *está* a tua mãe, já agora? — pergunto.

— Está lá fora. O Insu está a construir um abrigo no jardim e a mãe está a ver. — Olha para mim do cimo das escadas. — Ele é mesmo forte, pai.

— Pois, já reparei.

O Insu é o namorado da Natalia. Tem 26 anos... e é isto. Demorámos alguns anos a habituarmo-nos às peculiaridades da coparentalidade enquanto pessoas divorciadas, mas o carinho e respeito que temos um pelo outro é agora maior do que quando éramos casados. Ver a Nat a apaixonar-se novamente tirou-me dos

ombros um peso que eu nem sequer me tinha apercebido que existia. O facto de se ter apaixonado por um tipo que é praticamente um adolescente (já sei que é um ligeiro exagero, mas o solteiro aqui sou eu, permitam-me este pequeno prazer) trouxe um tipo de alegria que não podia ter previsto.

Ouçó os passos da Stevie lá em cima, mas depois fica em silêncio. Deve estar a colocar as coisas no saco de fim de semana. Aqui no silêncio da sala, ando de um lado para o outro e volto a pensar no meu dilema laboral.

Podia criar um *reality show* híbrido e com consciência ecológica, mas a verdade é que não quero fazer frente aos meus colegas documentaristas com um programa desta natureza. Demorei muitos anos a construir a credibilidade que tenho, e suspeito que um programa de corridas aventureiras pela selva seja o suficiente para dar cabo de tudo num instante. Além disso, o Blaine quer qualquer coisa picante e sexy, e eu não tenho absolutamente nada no meu repertório atual que se encaixe nestas categorias.

Tenho mesmo de pensar fora da minha caixa. Já se fizeram programas de encontros *ad nauseum*, por isso, um programa novo precisava de algo que o fizesse destacar-se dos demais. Sou um amador num ambiente amplamente batido, mas quanto mais penso nisto, mais me inclino para a ideia que tive no bar depois de ver aquela notícia sobre a GenéticaMente. O meu instinto diz-me que há aqui qualquer coisa, mas parece que ainda me falta uma peça...

Dou por mim diante de uma das muitas estantes de livros da Nat. Não há dúvidas de que a Stevie foi buscar esta inclinação de *fångirl* à mãe, mas enquanto a minha filha perde a cabeça com estrelas da pop, a Natalia é uma ávida leitora de romances. Ao observar melhor os livros, percebo que a estante à minha frente tem mais de duas dezenas de exemplares da mesma autora. Tiro um deles.

Famintos no Mar Alto, por Felicity Chen.

A capa tem duas pessoas lindas envoltas num abraço, no que parece ser um barco pirata. A fotografia é fantástica — arrebatadora, sexy e envolvente — e quando abro a capa, vejo uma versão ainda mais detalhada no interior. Leio a sinopse: um herdeiro perdido, uma heroína de espada em punho, um país à beira da guerra e um tesouro escondido que os pode salvar a todos. Quando viro o livro e vejo a contracapa, fico petrificado. A autora que me fita diretamente nos olhos é a mesma mulher que vi no bar.

Vou ao computador da família, insiro a palavra-passe e escrevo *Felicity Chen* na caixa de pesquisa. O ecrã explode rapidamente com resultados. Entrevistas publicadas, imagens feitas por fãs, contas de redes sociais, sites de vendas de livros e a página da sua editora. Clico num dos resultados e vejo um discurso de formatura na Faculdade Revelle da Universidade da Califórnia.

Quando ouço passos no chão de madeira atrás de mim, já vi o discurso todo e meia dúzia de excertos de entrevistas, li três críticas que a *Entertainment Weekly* escreveu sobre o seu trabalho e vi a maior parte do *feed* do Instagram da autora. A Felicity Chen é engraçada. Carismática, inteligente e com uma excelente presença em frente a multidões. Seria tão boa para um programa de televisão...

— Por que razão está a minha autora favorita no ecrã do nosso computador? — pergunta a Natalia, desconfiada.

Viro-me na cadeira para encarar a minha ex.

— O que sabes sobre ela? — A biografia da Felicity tem uma frustrante falta de pormenores pessoais. E a Wikipedia não ajuda muito. — Ela é solteira?

— Se saíres com ela e a estragares de alguma maneira que me impeça de ter o seu próximo livro, sou capaz de ter de te matar.

— Não quero sair com ela, Nat.

— E queres sair com *alguém*? Não precisas de viver como um monge, sabes?

— Outra vez esta conversa?

— Aquela cena de a Stevie ter entrado...

Enfio dois dedos na boca e assobio bem alto.

— Cartão amarelo, Garcia!

A Nat desata a rir. Esta pequena arruaceira sabe que depois de a Stevie, aos 4 anos, me ter apanhado com os tornozelos de uma mulher apoiados nos meus ombros, fiquei profunda e legitimamente marcado para a vida. Foi a primeira e última vez que tive uma mulher lá em casa enquanto a Stevie também estava, e não sei se alguma vez conseguirei recuperar desse episódio. Juro que estou só à espera do dia em que esta memória volte à tona e a minha filha deixe de conseguir olhar para mim.

— Desculpa — diz a Nat, que não parece nem um pouco lamentosa. — Basta pões um sininho na porta dela. Funciona às mil maravilhas.

Aponto com o polegar para o monitor atrás de mim.

— Podemos concentrar-nos nisto, se faz favor?

Os olhos dela passam por mim e focam-se no rosto da Felicity no ecrã.

— Ah, pois, tenho quase a certeza de que é solteira, sim. Ela já falou sobre encontros em entrevistas passadas. Porquê?

— Quero-a para um programa de televisão.

As sobrancelhas da Nat erguem-se subitamente.

— Tipo um documentário sobre romance e feminismo ou algo do género?

Solto uma gargalhada.

— Não.

— Estás a rir-te porquê? — pergunta, de sobrolho franzido.

Tem cuidado, penso. A Nat já me deu cabo da cabeça no passado por a criticar pelo tipo de livros que lê. Não quero pisar nenhuma mina, agora que preciso da sua ajuda.

— Por nada, desculpa, mas sou capaz de vir a produzir um programa de encontros.

Ela arregala os olhos.

— Um... *quê*? Qual é a linha da North Star? Primeiro foram *sitcoms* e filmes da Lifetime, depois documentários ambientais, e agora vai fazer programas de encontros?

— A culpa é do Blaine — digo, em jeito de explicação, e a Natalia não precisa de mais. O Blaine anda sempre a saltitar de uma coisa para a outra, dependendo de quem lhe anda a bichanar aos ouvidos, e neste momento são os investidores que têm o controlo do dinheiro, por isso, é compreensível. É provável que tenha sido contratado porque, na altura, a sua agora ex-mulher se preocupava muito com os mamíferos marinhos. — Mas ainda não está nada decidido, só estamos a explorar algumas opções. — Não quero que fiquemos ambos preocupados com esta questão, por isso mudo de assunto. — Como está o Insu?

— Está maravilhoso — diz ela, deixando-se cair no sofá exatamente como a nossa filha faz. — Amanhã vai levar-me a jantar fora para festejarmos o nosso aniversário.

— Oh, que bom, ele já tirou a carta de condução? — pergunto com um sorriso travesso. — Eles crescem tão depressa. — Para dizer a verdade, até gosto do Insu. Ele é bastante mais maduro do que eu era quando tinha a idade dele. Adora a Natalia, e a Stevie também gosta dele, mas nunca irei deixar escapar uma oportunidade para me divertir um pouco.

— Tens noção de que ele é apenas sete anos mais novo do que tu?

— O que faz com que seja oito anos mais novo do que tu. Espero que mantenas o armário das bebidas bem fechado.

Uma almofada embate contra o lado da minha cabeça no instante em que a Stevie vem a descer com as suas coisas, com o *Baxter* e o respetivo saco de fim de semana a reboque.

— Estás pronta, Piolho?

— Sim. Já te mandei um *link* para as nossas t-shirts da digressão — diz a Stevie. — É melhor não esperares, porque podem esgotar.

Volto a pegar no telemóvel.

— Sim, meu comandante!

— Isto está, por acaso, relacionado com os Wonderland? — pergunta a Nat.

— Infelizmente, os bilhetes para o concerto já esgotaram, mas vamos comprar alguns mimos para suavizar a dor.

A Nat dirige-me um olhar de *Olha que alívio, hã?* por cima da cabeça da Stevie, enquanto se despede dela com um abraço. Por alguns segundos, sinto-me trespassado por um enorme arrependimento. Tenho a certeza de que todos os dias me escapam milhares destes pequenos e doces momentos. Podia ser eu a viver esta vida com as duas. Teria sido uma vida platónica e desprovida de paixão, sim, mas continuaria a ser estável e amorosa. Presumi que haveria mais qualquer coisa para mim lá fora, mas a verdade é que a minha vida amorosa não é mais eletrizante agora do que quando éramos casados.

Só que agora já é demasiado tarde para recomeçar, e a dura realidade é que vou perder isto e muito mais se não perceber depressa que raio vou eu fazer em relação ao trabalho.

Fizzy ainda não escreveu a sua verdadeira história de amor...

Fizzy Chen perdeu o rumo. Apesar de ser uma bem-sucedida escritora de livros românticos, com uma enorme legião de fãs, nunca viveu a sua própria história de amor. Tem alimentado a inspiração com casos passageiros, mas nunca esteve propriamente apaixonada. E agora, para piorar as coisas, enfrenta o que parece ser um irremediável bloqueio criativo. E se o otimismo presente nas páginas dos seus livros não passar de uma grande mentira?

Connor Prince é um produtor de documentários que adora o seu trabalho, não só pelo que lhe proporciona, mas também porque lhe permite viver perto da filha. Mas quando é incumbido da tarefa de criar um *reality show* de encontros românticos, Connor fica completamente fora da sua zona de conforto. Até que descobre a arrebatadora Fizzy Chen e lhe ocorre a solução ideal. E se a protagonista do programa fosse a rainha do romance em pessoa?

Talvez possa haver um final feliz atrás das câmaras...

«Uma comédia romântica inteligente e hilariante.»

PUBLISHERS WEEKLY

Já conhece as outras histórias desta dupla de autoras?



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897878220



9 789897 878220 >